

junho 1997
ano 2
edição meses letivos

Alunos da Faupuccamp desenvolvem trabalho em Cuba

Geraldo Calmon de Moura
aluno do TGI



Alunos da Faupuccamp, acompanhados pelo professor Samuel Kruchin, iniciam trabalho em Santiago de Cuba

Realizou-se, entre os dias 28 de março e 11 de abril, a viagem do grupo de alunos e professores da Faupuccamp à Santiago de Cuba com o intuito de efetuar a análise e o levantamento de dados relevantes para a realização de um dos temas do TGI de sexta-feira. O acordo firmado entre a Faupuccamp e a Universidad del Oriente só foi possível devido à presença da professora daquela instituição arquiteta Marta Valenciana em Campinas, onde realiza estudos para sua dissertação de mestrado. Coordenados pelos professores Samuel Kruchin, Silvana Rubino (que foram à Cuba com os alunos) e Raquel Rolnik, o grupo

formado pelos alunos Adriane Pina, Eliana Bernardes, Fábio Carone, Fábio Shoyama, Geraldo Moura, Heloisa Tomonary, Marília Gallo, Mauro Hirsch, Pier Paolo Pissolato e Rodrigo Brunetti, fará propostas de intervenção urbana na região do "El Tivoli", ponto privilegiado do centro histórico de Santiago. Para isso, durante sua estadia, o grupo recebeu total apoio da Universidad del Oriente e das professoras cubanas, arquitetas Flora Labrada e Noemi Rodriguez, além do conservador da cidade, arquiteto Omar Lopez, que ministraram, entre outros temas, aulas expositivas sobre a história da cidade, palestras sobre materiais de construção utilizados, e monitoraram constantes visitas ao local de intervenção. Além disso, propiciou-se o encontro com estudantes cubanos que relataram suas experiências discentes naquele país. O material obtido com a viagem (fotos, textos, slides, livros) já está disponível para consultá nos laboratórios da faculdade (CAD e CAV), estando programado para o próximo mês de agosto a visita da professora arquiteta Flora Labrada para acompanhamento dos projetos.

O resultado final dos trabalhos com data prevista de apresentação em 22 de setembro, será exposto no Memorial da América Latina e, entre 6 e 8 do mês de outubro, no *II Encontro ciudad, imágen y memoria en Santiago de Cuba*, onde será examinada sua viabilidade de execução pelos órgãos competentes, junto com outros projetos similares realizados pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona.

Especialização em urbanismo

Raquel Rolnik
posgradu@fau.puccamp.br

A Faupuccamp abre inscrições em junho para nova turma do *Curso de Especialização em Urbanismo Moderno e Contemporâneo*. Trata-se de um curso de qualificação profissional e de formação. Nesse sentido, visa possibilitar o aprofundamento nas questões da história do urbanismo moderno que, via de regra, o profissional arquiteto conhece de maneira superficial, bem como oferecer a graduados de outras áreas afins, sociólogos, historiadores, comunicólogos, engenheiros, um quadro consistente sobre questões da cidade moderna, de seu urbanismo e dos projetos e intervenções contemporâneas. O curso trata com profundidade a História e Teoria do Urbanismo, introduzindo também o aluno na prática de pesquisa e reflexão.

O curso tem a duração de um ano e meio com três semestres letivos que, por sua vez, são subdivididos em dois bimestres cada. São oferecidas no total 12 disciplinas com 32 horas-aula cada uma (2 créditos), correspondendo a 360 horas-aula e 24 créditos. Cada disciplina é composta de 8 aulas, com 4 horas-aula cada uma, sendo oferecida durante dois meses, ou seja, durante um bimestre. O curso é oferecido no período diurno, um dia por semana, às segundas ou sextas, com uma disciplina no período matutino e outra no vespertino. Professores da Faupuccamp: Dênio Bênfatti; Ivone Salgado; Mário Henrique Simão D'Agostino; Margareth da Silva Pereira; Maria Lúcia Refinetti Martins; Raquel Rolnik; Ricardo Marques de Azevedo; Samuel Kruchin; Silvana Rubino. Professores convidados – curso 97/98: Carlos Roberto Monteiro de Andrade – EESC/USP; Heitor Frugolli – Sociologia FGV e Antropologia PUC SP, Janice Caiaffa – ECO/UFRJ, Luís César de Queiróz Ribeiro – IPPUR/UFRJ, Olgária Matos – FFLSH/USP. Informações: 019 754.7178

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático –CAD– da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Cristina Mehrrens EUA
Eduardo Aquino Canadá
Fernando Carrión Equador
Fernando Viveiros Colômbia
Marcos Tognon Itália
M^{te} Pilar P Pineyro Uruguai
Paul Meurs Holanda
Paulo Dzioli França
Pedro Moreira Alemanha
Ramón Gutierrez Argentina
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores
Diego Wisnivesky
Flávio Arancibia Coddou
Regina Fraga Moreira
Tatiana Alarcon
Vagner L.J. Monteiro

Faupuccamp
Diretor
Wilson Ribeiro dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Campus I
Rod D. Pedro I - Km 136
13089-500 Campinas SP
Brasil
fone 55-019-754.7156
fax 55-019-255.6376
cad@fau.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum, tiragem de 5000 exemplares.
Distribuição gratuita.

Óculum na Internet
web.arch-mag.com

Faupuccamp na Internet
www.fau.puccamp.br

Apoio cultural



Fachada de edifício na região do "El Tivoli", Santiago de Cuba

**URBANISMO
MODERNO E
CONTEMPORÂNEO**

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

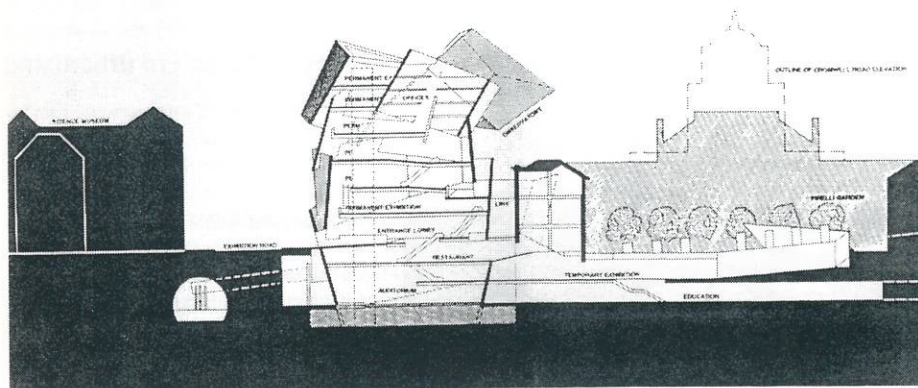
FACULDADE DE ARQUITETURA
E URBANISMO-PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS

INFORMAÇÕES:
TEL.: (0192) 52 0899 R. 272 e 178 FAX: (0192) 52 8477

Caos, música, computadores, arte e história: a espiral de Libeskind

Christopher Whitehead

Tiravanija no MOMA
Eduardo Aquino, Canadá
102661.2547@compuserve.com



Corte da ampliação do museu Victoria e Albert em Londres, arquiteto Daniel Libeskind

Uma ampliação para o museu Victoria e Albert está planejada para seu último local disponível. A espiral do arquiteto alemão Daniel Libeskind constitui uma grande continuação e transformação de algo nascido no séc XIX, e dentro deste contexto, torna visível a função e o conteúdo do museu. Conceito direcionador na concepção formal, o movimento espiral da arte e da história é o princípio pelo qual o espectador, como um elemento transitório ativo, vaga através da arte e da história, aprendendo este conceito implícito na construção do edifício.

As percepções da história têm se modificado dramaticamente através do tempo. O friso pedimental do Museu Britânico do século XIX representa um progresso rígido e linear da civilização. Contudo, muitos museus históricos arquitetônicos são baseados em princípios lineares que têm suas raízes em tendências historiográficas passadas.

É importante ressaltar que até mesmo o *Museu em espiral do Desenvolvimento Ilimitado* de Le Corbusier (1931), expressou a idéia de uma objetivação infinita da história fundamentado em um plano linear. Na espiral de Libeskind o mecanismo de derivação é o mesmo, entretanto, o princípio linear foi substituído por noções de infinitude e imprevisibilidade, vindos da Teoria Contemporânea do Caos.

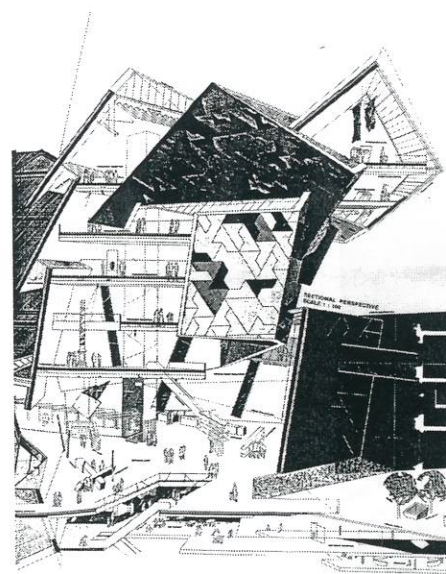
A noção do museu infinito tem sido acentuada nos últimos anos pela mídia dos computadores, que foi capaz de iniciar o relacionamento simbiótico e competitivo com os museus já existentes. A apresentação da história no espaço museológico tem sido comparada à textos, particularmente no último século. Hoje em dia, a tecnologia dos computadores intervém, de várias maneiras, entre o espaço e o texto. A infinita interação que tal tecnologia sugere, na qual o usuário está no centro, tem mostrado que –dentro de qualidades formais do novo edifício, tal como um terminal computadorizado– o museu deve propor uma infinidade de possibilidades tanto de uso como de experiência. O museu propriamente dito, com seus objetos, representa o mundo e a cultura exterior. Esta grande variedade de conhecimentos, pode ser proposta

através de qualidades cenográficas formais do museu arquitetônico. Contudo, quão infinito um museu pode ser, quando o espaço é limitado? Ele deve ser tão infinito quanto forem as experiências humanas, e tentar oferecê-las e promovê-las no espaço restante, clamando por uma "abertura ao invés de um fechamento":

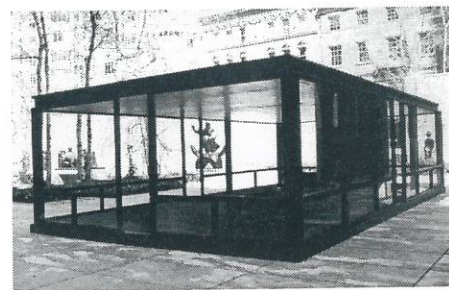
"O seu último acorde (a mais ampla metáfora para a espiral), não finaliza a música do museu, mas sim a estende em direção ao desconhecido, à futuros horizontes, à mente do espaço."

[tradução Tatiana Alarcon]

Correspondência
Christopher Whitehead
Scuola Normale Superiore di Pisa
Piazza dei Cavalieri 7. 56100 Pisa fax 0039 50 563513



Corte esquemático em perspectiva da ampliação do museu Victoria e Albert em Londres, arquiteto Daniel Libeskind



Revisão histórica? Criticismo agudo e exagerado do Movimento Moderno? Ou somente uma paródia ou brincadeira irresponsável às custas de uma tradição da qual o arquiteto americano Philip Johnson é um dos representantes mais importantes?

Estas são uma das questões que surgem ao se visitar o pequeno pavilhão construído pelo artista tailandês Rirkrit Tiravanija no jardim de esculturas do Museu de Arte Moderna de Nova York. Tiravanija referenciou este projeto na famosa casa de vidro que Johnson construiu na sua propriedade de New Canaan (Connecticut), em 1949. Nesta réplica as diferenças principais se constituem na escala da estrutura –que aqui foi reduzida consideravelmente para acomodar principalmente as crianças– mas também no uso de materiais. Sendo um dos ícones do Modernismo, a casa Johnson utilizou aço e vidro como materiais dominantes. No caso do pavilhão de Tiravanija o material principal utilizado foi madeira pintada, o que poderia ser interpretado como uma outra imagem de 'redução' às conquistas do *International Style*.

Quando se observa o progresso deste jovem artista, identificamos uma trajetória que nos faz distanciar da ironia inicial que o seu projeto sugere. Tiravanija tem criado durante a sua curta carreira artística instalações e performances com um caráter tipicamente participativo e simpático. Lembro-me que há uns dois anos visitei uma de suas 'exposições' na galeria 303 na mesma cidade, aonde, num quartinho de depósito atrás do espaço vazio da galeria, ele servia comida tailandesa com cerveja, numas mesinhas, como se fosse um bar de esquina. Mais tarde, na bienal do Whitney, ele construiu uma sala com material barato de construção, e dentro instalou instrumentos musicais utilizados na formação básica de uma banda de rock: guitarra, baixo e bateria, na qual, perante projeções de vídeo de movimentos político-sociais o visitante era convidado a tocar os instrumentos. Esta atitude que convida e atrai, que recebe e generosamente oferece, se distancia da rigidez que certas vertentes da arquitetura moderna colocou. O pavilhão criado por Tiravanija, que foi utilizado pelo museu como ponto de encontro de crianças e atelier de criação, se define pela própria ambiguidade visual, material e espacial, que se contradiz simultaneamente entre uma homenagem gentil e carinhosa ao Modernismo, e a análise rigorosa e meticulosa de uma tradição que requer uma revisão crítica constante. Ou como ele mesmo diz: 'uma necessidade de se começar de novo.'

Conversa com Vincent Scully

Cristina Mehrrens, Estados Unidos
mehrrens@umiami.ir.miami.edu

Descansando sobre uma das cadeiras fronteiras de um cinema transformado em sala de aula, um chapéu cinza e um sobretudo anunciam a silenciosa presença de um homem grisalho que se enca-minha para a tribuna. Ao fundo, diligentes estudantes de arquitetura arranjam diapositivos para uma audiência cativa composta de alunos do curso, pessoas da comunidade, professores, arquitetos, amigos e curiosos. Trata-se da última apresentação do curso de Vincent Scully, *Architecture: The Natural and the Manmade. Style and Context*. Quem é este homem e o que ele faz na Universidade de Miami? Eu o entrevistei no último dia 17 de abril. Vincent Scully –professor em Yale há 50 anos, narrador de uma série sobre arquitetura para a tv e escritor– influenciou estudantes brilhantes como Robert Stern, Esther da Costa Meyer, Maya Lin, Cesar Pelli e Leon Krier. Devido a suas diversas atividades, Philip Johnson o descreveu como "o professor de arquitetura mais influente de todos os tempos". Em suas aulas, observa Keith Thomas, "sentimo-nos em companhia de um guia maravilhoso, conhecedor e experiente, às vezes idiossincrático e opinioso, mas sem dúvida, sensível e iluminativo". O grande êxito de Scully enquanto crítico e escritor reflete-se em sua profícua produção de artigos e livros. Entre outros, Scully escreveu sobre F. L. Wright, L. Kahn, A. Rossi e M. Graves e apresentou livros influentes e representativos de diferentes correntes como *Writings* (1979) de Philip Johnson e *The New Urbanism: Toward an Architecture of Community* (1994) de Peter Katz. Nesta entrevista, Scully resumiu algumas idéias sobre a arquitetura americana atual. Segundo ele, presenciamos, nos últimos 30 anos, o renascimento do vernacular e das tradições clássicas da arquitetura seguido de sua incorporação ao curso da arquitetura moderna. O desenvolvimento mais recente desta tendência é o reviver do planejamento e do urbanismo americano tradicional. Scully está em Miami devido a esta causa e a fim de juntar suas forças às de seus ex-alunos em Yale, Andres Duany e Elizabeth Plater-Zyberk, diretora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Miami. DPZ, como ambos são conhecidos, projetou Seaside –primeira comunidade construída sob os princípios do Novo Urbanismo– e desenvolveu os ideais do "classicismo moderno" na Escola de Arquitetura.¹ Neste processo, o papel da preservação histórica –vista não só enquanto instrumento informativo e educativo, mas também como um movimento arquitetônico significativo e participativo– tem sido fundamental. Scully revela que, nos EUA, a preservação histórica iniciada na década de 60, ganhou ímpeto em lugares como New Haven, Connecticut, através do trabalho de uma pessoa que não era arquiteta ou planejadora urbana mas dona de casa. Este movimento dedicou-se exaustivamente na manutenção do centro da cidade e seus bairros e, com o tempo, tornou-se mais forte. Hoje, o movimento é uma força política poderosa. Scully é Conselheiro do Instituto de Patrimônio Histórico Nacional nor-

te-americano. Neste momento, o movimento tenta salvar a cidade de Coral Gables da construção de um shopping center regional que causaria o entupimento do tráfego e tornaria o centro em cidade fantasma. Segundo ele, a preservação acompanhou, apoiou e participou dos fatos mais importantes ocorridos na arquitetura dos últimos 30 anos através da criação de um público que busca salvar as cidades e revitalizar seus centros. Scully indigna-se frente ao caráter invasivo do Estilo Internacional: "O modernismo destruiu a estrutura cultural do habitante urbano ao criar o conceito de *avant-garde*. Esta idéia, trágica e destrutiva, suspendeu centenas de anos de conhecimento sobre como viver em comunidades e ignorou o fato de que a arquitetura é uma atividade de desenvolvimentos e não de invenções. Arquitetos transformaram-se em heróis épicos que podiam dizer às pessoas como viver. Scully detesta o desejo obcecado de Le Corbusier em introduzir carros na cidade e culpa a arquitetura moderna e sua característica "heróica" pelo que aconteceu nos EUA: a destruição do centro urbano. Existiria a possibilidade de um meio caminho entre a busca do novo e adoração pelo progresso dos modernistas e esta corrente tradicional que leva em conta as lições do viver em comunidade vindas do passado? Estaria tal resposta no Novo Urbanismo? Scully acredita que sim. Longe de expressar nostalgia, este movimento busca um diálogo entre tradição e inovação ao propor o uso da arquitetura vernacular e do planejamento tradicional em soluções que revivam o centro da cidade. Entretanto, se o NU resultar apenas na criação de mais Seaside, isto seria triste. A dispersão urbana é hoje o problema crucial da arquitetura e urbanismo. Se o NU sobreviver será porque ele enfrentou este desafio e incorporou-se à solução deste problema. Neste sentido, existe alguma esperança pois os mesmos princípios básicos que permitiram o trabalho de DPZ estão presentes em obras como a Livraria Harold T. Washington, Chicago; a comunidade neo-Georgiana em New Albany, Ohio; a cidade perto de Orlando planejada pela Walt Disney Company; e Paternoster Square, o conjunto comercial londrino próximo à Catedral de St. Paul.² Enfim, Scully reivindica para os subúrbios e cidades americanas uma arquitetura mais humana que retorne às tradições clássicas e vernaculares para os subúrbios e cidades americanas. Uma solução que busca restaurar o tecido urbano que sustenta comunidade. A última imagem no seminário de Scully é poética e impressiva: a aurora de dois skylines produzidos pelo homem confrontam o mar, um em New York City e outro em Seaside. Professor inspirador, Scully focaliza, sob novas lentes, as atitudes humanas em relação à natureza e provoca uma impressão indelével em qualquer pessoa que se interesse por arquitetura.

1 Duas universidades tem hoje programas de arquitetura que ensinam classicismo: Notre Dame e a University of Miami.
2 Rybczynski, Witold. "This New House" in *The New York Review*. 15 mai 97

Encontro de regional de arte: os museus se integrando na cidade

M. Pilar Perez Pineyro, Uruguai
mapilar@chasque.apc.org



Fachada do Museu Blanes em Montevideo, Uruguai

Os vínculos unilaterais que territórios coloniais mantiveram com as metrópoles persistem nas geografias latino-americanas: o desconhecimento mútuo de nossos produtos culturais constitui uma realidade endêmica. Neste sentido, o *Encontro Regional de Arte* –levado a cabo em 1996 em Montevideo e organizado pelo *Museu Blanes*– integra a corrente de esforços que procuram se opor a esta situação. Artistas e teóricos da região sul foram convocados para realizar exposições a partir de um colóquio para troca de idéias e aprofundamento na reflexão. A pauta propunha trabalhar em torno da experiência do deslocamento e da justaposição cultural: exílios e outras situações fronteiriças próprias de nossa época.¹

A concepção do encontro propôs procurar a participação de outros museus localizados na região, de cujos espaços e significados os artistas se apropriaram. Dessa maneira, o *Museu e Jardim Botânico*, teve uma intervenção –pela primeira vez– nos herbários de botânicos célebres e em seus critérios taxonômicos; o *Museu Antropológico*, foi abordado por instalações, algumas relacionadas com a metafóra do corpo e outras com uma crítica à etnografia, desde o ponto de observação da arte atual. Por sua vez, o espaço do Museu Blanes foi respeitado e valorizado em seus códigos *palladianos*. Finalmente, a localização *periférica* destes museus –para uma *cultura* de cidade que privilegia desde o começo do século outras zonas de seu território– teve "repercussões urbanas". O *Paseo del Prado*, uma área de transcendência histórica e ambiental para a cidade por constituir o parque mais primitivo do acervo verde de Montevideo, ao ser interpellado a partir de diferentes ângulos, provocou uma inédita "mobilização cidadã", que permitiu exibir as potencialidades estratégicas de uma das centralidades que o Plano de Montevideo, hoje em elaboração, se propõe recuperar e afirmar.

[Tradução Diego Wisnivesky]

1 Organizado pelo Departamento de Cultura da Intendência Municipal de Montevideo, desde o Museu Municipal de *Bellas Artes Juan Manuel Blanes*. 25 até 27 de Setembro de 1996. Artistas convidados: Fernando Bedoya (Argentina-Peru), Lina Kim e Paulo Klimachauska (Brasil, São Paulo), Nury Gonzales e Rosa Velasco (Chile) e Osvaldo Salerno (Paraguai), Nelbia Romero, Rimer Cardillo, Fernando Peirano e Eduardo Cardozo (Uruguai). Analistas: Aracy Amaral, Luis do Amaral e Ivo Mesquita (Brasil), Ticio Escobar (Paraguai), Pastor Mellado (Chile), Gustavo Buntinx (Argentina-Peru), Alicia Haber, Nelson di Maggio, Alfredo Torres (Uruguai). Coordenação do ERA 96: Gabriel Peluffo, Diretor do Museu Blanes.

Novo arquiteto, nova Academia

Marcos Tognon, Itália
tognon@sabsns.sns.it



Foto da Villa Argentina, antigo complexo do século XVIII, que está sendo restaurado para hospedar a sede da nova academia de arquitetura em Mendrisio, Suíça

Uma emergente instituição superior de arquitetura

"O que se entende por academia? Aquela da retórica e do aulicismo? Aquela, de lecorbusiana memória, que dizia não à tabula rasa do *Plan Voison*? Ou aquela mais recente, que propõe o retorno à cidade tradicional, como resposta à complexidade sempre maior da cidade de hoje? É obviamente fácil dizer que a Academia de Arquitetura da Universidade da Suíça italiana não quer ser nem um nem outro entre estes tipos de escola. Mas difícil é isso que será, sobretudo porque os trabalhos começaram há pouco tempo."¹

Logo será concluído o primeiro semestre dessa Academia de Arquitetura, uma experiência que germinou em 1993, sobretudo com a iniciativa e o estímulo de um dos mais destacados arquitetos da Suíça italiana, Mario Botta, e que conta com a participação de ilustres professores, entre os quais Francesco Dal Co, Leonardo Benevolo, Sergio Albeverio, Albert Jacquard e Vittorio Savi. Analisando o *currículo* preparado para os 3 ciclos de estudo, da graduação até o doutorado, as estruturas pedagógicas e de pesquisa, e, principalmente, os "manifestos", isto é, textos que justificam as diversas imposições, é possível arriscar algumas definições para esta nova Academia. Devemos recorrer ao próprio termo "academia", assim, em duas evidentes acepções: um contexto no qual se cultua a formação humanística, complexa, entrecruzada de valores históricos, técnicos e de competência especializada, e, segundo, uma entidade, uma instituição, com responsabilidades situadas em um âmbito público, dentro de uma perspectiva social, e, para esta, fornecendo um agente, um operador, o novo arquiteto.

O núcleo deste contexto acadêmico é formado por três distintos departamentos, aquele central, o Departamento de Projeto, e os outros dois de competência específicas, o Departamento de História e Cultura e o Departamento de Ciência e Técnica. Entre esses dois últimos, são distribuídos cursos que partem da história da arte e arquitetura, da história do território, do restauro, da filosofia, até a matemática, a informática e a ecologia; uma formação humanística e técnica que pode ser expandida para saberes especiais, previstos nos cursos facultativos como botânica, energias alternativas, infraestrutura do território, ou mesmo história da literatura, da música, do cinema e do teatro, todas

concorrendo para formar o novo arquiteto. Ainda sobre o central Departamento de Projeto, encontramos uma divisão entre dois tipos de ateliers: naqueles denominados "ateliers horizontais" o objetivo é favorecer exercícios que compreendam as matérias contemporâneas dos outros departamentos em termos projetuais, sempre apoiados pelo ensino gradual de técnicas de expressão e controle da substância visiva, como o desenho técnico, as maquetes, a fotografia ou meios informatizados; nos "ateliers verticais" encontraremos como tema, sempre, um projeto que realize a síntese progressiva dos conhecimentos em jogo, da escala edilícia às operações territoriais.

"A concepção de três áreas de estudo responde também à necessidade de afrontar os múltiplos componentes da matéria arquitetônica em maneira interdisciplinar. Os departamentos, e os relativos programas de ensino se entrecruzam ao longo de todo o arco dos estudos, completando-se em função das solicitações, das motivações ao projetar, como também nas escolhas culturais elaboradas no interior de cada atelier. Se prevê, assim, uma atividade transdisciplinar que possa enriquecer as escolhas projetuais."²

Uma biblioteca-mediатеca especializada, um centro de documentação, definido como arquivo, que tutela registros documentais e iconográficos de artistas e arquitetos, e um centro de comunicação, promotor de atividades culturais e contatos completam a estrutura interna da Academia. E, com vários acordos entre a nova sede em Mendrisio e instituições suíças e italianas, como o potente Politécnico federal de Zurique ou o apurado Centro de Estudos Andrea Palladio de Vicenza, garantem uma colaboração binacional, melhor, internacional que garante a abertura cultural da nova Academia.

Como fundo comum, um sério profissionalismo caracteriza esta iniciativa, expresso assim por Mario Botta em seu manifesto de fundação: "O arquiteto está se transformando, de um operador edilício para um operador territorial, investido com uma série de responsabilidades, e, de consequências técnicas territoriais, energéticas e ecológicas sempre mais vastas. O arquiteto está se transformando, de um operador criativo para *manager*; a sua função tende, cada vez mais, a ser aquela de coordenador de numerosas componentes técnicas que entram na profissão."³

Notas

- 1 "Perfil", texto de apresentação na página Web da Accademia di Architettura.
- 2 "Os departamentos", página Web da Accademia di Architettura.
- 3 Mario Botta, "L'Accademia di Architettura a Mendrisio", página Web da Accademia di Architettura.

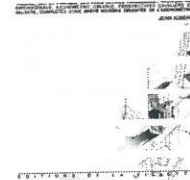
Accademia di Architettura

Villa Argentina
Largo Bernasconi 2
6850 Mendrisio Suíça
fon +41 91 640 48 48
fax +41 91 640 48 68
<http://www.bosslab.ch/mendris/accademy/accait01.htm>

Acontece

Exposição, curso, concurso,
encontro e outros eventos culturais

SAVOIR-FAIRE DE L'ARCHITECTURE
AXONOMETRIE
JEAN AUBERT



Capa do livro, 176 pgs., 32 x 24 cm, 270 FF (± R\$ 49). Les Editions de La Villette - 34^e avenue de Flandre - 75019 Paris.

Edições de La Villette

A editora da École d'Architecture de Paris La Villette publica *Axonometrie* de Jean Aubert. Interessante histórico da axonometria, rico de referências bibliográficas. Fartamente ilustrado. [Paulo Diziolli]

Direitos Humanos no limiar do século XX

O prof da Faupuccamp Mário Henrique Simões d'Agostino (Maïque) participou da mesa-redonda *O trabalho e seus direitos: silêncios e palavras*, uma das atividades do evento comemorativo dos 50 anos de Maria Paula, famoso edifício da Usp.

Concurso Internacional em Buenos Aires

Eduardo Costantini construirá museu para abrigar sua coleção de arte moderna e contemporânea latinoamericana. A competição faz parte do VII Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires. O júri contará com M Botta, K Frampton, N Foster e E Miralles. Info: Concurso Museo Costantini, Madero 900, piso 28, 1300 B. Aires, fon 54 1 318.8000, fax 54 1 318.8001.

Concurso Instituto de Estudos Avançados

Serão abertas ainda neste semestre as inscrições para o concurso de anteprojeto de arquitetura da sede do IEA-Usp. O vencedor desenvolverá projeto completo, incluindo arquitetura, instalações elétricas e hidráulicas e ar condicionado.

Sai primeiro resultado do concurso para MoMA

Equipes selecionadas para a 2ª fase do concurso de ampliação do museu novaiorquino: Herzog e De Meuron (Suíça), Y. Tanigushi (Japão) e B. Tschumi (EUA). Entrega final em dez 97.

Arte Cidade – Intervenções urbanas

Exposição com obras anteriores e estudos para o Arte/Cidade III e Brasmitte [SP/Berlim]. De 3ª a dom, das 10h às 21h, de 22 mai a 15 jun. Sesc Pompéia, r Clélia 93, fon 011 871.7700.

Prêmio Pritzker na Internet

Site com informações detalhadas sobre todos os ganhadores, notícias sobre o último prêmio, etc. <http://www.pritzkerprize.com/pritzker.htm#top> [Ruth Verde Zein]

Errata

O email do L'Habitat é lhabitat@fau.puccamp.br